

Dr. Donald Fowler, Antecedentes do Antigo Testamento,

Aula 17, Reinado no Antigo Oriente Próximo

© 2024 Don Fowler e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Don Fowler em seu ensinamento sobre os antecedentes do Antigo Testamento. Esta é a sessão 17, Reinado no Antigo Oriente Próximo.

Bem, bem-vindo de volta. Continuamos nossos pensamentos sobre a realeza. É fácil ser mal compreendido. Eu sei que tenho boas intenções e sei que estou casado há 48 anos.

Acho que estou me comunicando, mas descubro que não estou. Portanto, é totalmente plausível que você talvez não esteja realmente entendendo o que estamos tentando fazer. Mas o que estamos tentando fazer é deixar claro que a realeza é uma área temática ligada à integridade de Deus porque Deus a prometeu como uma bênção.

E em segundo lugar, a realeza é o meio pelo qual Deus escolheu trabalhar, mas chegará o período de tempo em que as promessas que ele fez a Abraão não serão cumpridas porque eles estarão no exílio. E no exílio, eles não têm terras nem rei. Talvez sejam uma bênção para as nações no exílio, mas a realeza é um conceito muito importante.

Se eles fossem profissionais e estivessem assistindo às fitas e me ouvindo, tenho certeza de que algumas pessoas ficariam chocadas porque ficariam, bem, sou um grande admirador do trabalho de Walter Brueggemann. Brueggemann parece pensar que centralizar o poder numa pessoa é sempre uma coisa má. Ele apresenta isso como se tudo o que é dito sobre a realeza fosse propaganda.

Bem, seu argumento é bem entendido. Se você me permitir sentar por um minuto, podemos fazer uma visita. Você pode me parar e tomar uma xícara de café, se quiser. Mas quando recommencarmos, deixe-me enfatizar que é um ponto bem entendido.

Na perspectiva do antigo Oriente Próximo, praticamente toda a literatura era encomendada em nome do rei. Foi uma propaganda destinada a convencer os deuses de que o rei era um bom rei.

Mas deixe-me salientar que a visão da Bíblia sobre a realeza é radicalmente diferente. O texto bíblico não contém pura propaganda. Mesmo o maior de seus heróis reais apresenta falhas trágicas.

Deus não apresenta a realeza na Bíblia como propaganda. Deus tenta mostrar que qualquer rei que não se relaciona com Deus em termos teológicos das proposições de Deus é um rei que será julgado. Todos os reis israelitas são um fracasso.

Até o grande Davi é retratado como dúbio, mentiroso, assassino e adúltero. Isso não soa como propaganda. Então, o que eu proporia a você é que a realeza é um caminho central, uma das qualidades centrais de como Deus desenvolve seu plano e sua narrativa.

Mas não é uma realeza como todas as outras nações. Na verdade, se queremos um modelo de realeza, então o verdadeiro modelo de realeza, e esta é a minha opinião; Já estive errado antes; Acho que o verdadeiro modelo de realeza não é David, embora David, claro, tivesse grandes qualidades. O verdadeiro modelo de realeza é Moisés.

Agora que você me viu usar as anotações da aula, elas estão disponíveis para você. Vou mostrar algumas informações que vêm de uma de minhas outras anotações de aula de uma aula que dou. Não vou examinar isso com cuidado porque não posso me permitir fazer isso e ler o material.

Mas o que quero salientar é como a realeza é prevista. Vou dar uma olhada em algumas passagens de Gênesis para que você leia porque a abordagem padrão é chegar a 1 Samuel 8, os israelitas dizem, dê-nos um rei. Oh, aqueles israelitas perversos, eles querem um rei. Eles estão rejeitando a Deus.

Bem, é claro que eles estavam rejeitando a Deus, mas isso não é culpa da realeza. Isso é culpa deles. Então, o que estou propondo a você é que a realeza é uma tese central para que você possa ver a realeza antes de Saul.

E então, como mencionei a você, em primeiro lugar, os estudiosos concordam de maneira bastante uniforme que em Gênesis 1 e 2, Adão e Eva estão sendo retratados em termos reais ou quase normais. Em segundo lugar, observe a importante história de Melquisedeque em Salém em Gênesis 14 porque Salém talvez não seja exatamente Jerusalém, mas acho que a intenção era ter uma conexão com Jerusalém, e aí você tem Melquisedeque, que todos vocês talvez saibam que é usado como um tipo de Cristo nas epístolas dos Hebreus. Melquisedeque é um nome que significa meu rei é justo ou rei de Sedeque, mas observe que ele é uma pessoa importante na narrativa de Gênesis e claramente é um rei.

Abraão se relaciona com ele de uma forma que nos faz pensar que isso tem algo a ver com a realeza. E se a história ocorre no capítulo 14, lembre-se de que é no capítulo 17 que Deus promete a Abraão sobre reis que virão dele. Assim, no capítulo 17.6, Deus promete que reis virão da linhagem de Abraão.

E então, alguns versículos que não são exatamente conhecidos, volto sua atenção para Juízes, desculpe, para Gênesis; se você ler comigo no capítulo 35, assim como Deus fez promessas sobre a realeza a Abraão, ele reiterou as mesmas promessas sobre a realeza a Jacó. Então, vejam comigo em Gênesis capítulo 35, versículo 11, vamos ler o versículo 9. Então Deus apareceu novamente a Jacó quando ele veio de Padã-Arã. Isso não é interessante? Paddan Aram, é claro, fica no norte da Mesopotâmia.

E ele o abençoou assim como Deus abençoou Abraão. E então, no versículo 10, Deus disse a ele: seu nome é Jacó. Assim como Deus disse a Abraão, seu nome será Abraão.

Não te chamarás mais Jacó, mas Israel será o teu nome. Em outras palavras, é uma reiteração de Abraão na pessoa de Jacó. Então, ele o chamou de Israel, e então Deus lhe disse: Eu sou El Shaddai, frutifique e multiplique, os exatos mandamentos que Deus deu a Adão e Eva.

De ti sairão uma nação e um grupo de nações, e de ti sairão reis. Então, o que Deus estava prometendo a um descendente de Abraão, Jacó, é a mesma promessa que Deus deu a Abraão de ser frutífero e multiplicar-se. Reis surgirão de você.

No versículo 12, darei a você a terra que dei a Abraão e Isaque. Darei a terra aos seus descendentes depois de você. Esta é uma repetição virtual e literal do que Deus disse originalmente a Abraão.

Então, e então no capítulo 49, versículo 10, a realeza foi especificamente predita para a tribo de Judá em Gênesis 49:10. Na verdade, no livro de Juízes, gostemos ou não, o autor de Juízes afirma repetidamente que era a falta de realeza que era parte do problema que Israel enfrentava. Dito isto, farei uma rápida viagem para vocês até Moisés como o exemplo supremo de líder. E amigos, aqui está parte de onde meus pensamentos estão indo.

Não há mais... Ok, eu quero dizer isso. Eu acho que é verdade. Se não for verdade, estou apenas um pouco errado.

Não há pessoa ou coisa mais importante para revelar a identidade de Cristo nos Evangelhos do Novo Testamento do que o exemplo de Moisés. A maioria de nós sabe que Jesus é o novo Moisés. Ele é o novo Moisés, melhor que Moisés, mas é o novo Moisés.

Então, nisso, vou repassar isso muito rapidamente, porque não temos tempo para fazer isso. Moisés tem uma das narrativas de chamada mais longas de qualquer rei

no Antigo Testamento. Ele foi divinamente escolhido, e o texto continua indefinidamente para enfatizar esse ponto.

Em segundo lugar, em Êxodo 3-4, ele é chamado divinamente. Esse é um aspecto muito importante da realeza, a ser chamado divinamente, tanto no Antigo Oriente Próximo quanto na Bíblia. No Antigo Oriente Próximo, não sei dizer quantas vezes o rei apresentava sua produção literária com os grandes deuses chamados eu.

Moisés é divinamente chamado. No capítulo 4, lemos que ele está divinamente capacitado. Tudo isso é material de realeza.

Eu não deveria fazer isso, mas não consigo me conter. Veja meus três primeiros pontos. Ele é divinamente escolhido.

Saulo é divinamente escolhido. Na verdade, Saulo é escolhido várias vezes para deixar claro que Deus o escolheu divinamente. Em segundo lugar, a história é bastante clara: Saulo é chamado divinamente.

Ele é chamado através da pessoa de Samuel, então ele é chamado divinamente, e então ele é divinamente capacitado. O texto destaca o fato de que no capítulo 10, Deus toma o espírito que estava sobre os profetas com Samuel, e ele pega esse mesmo espírito e o coloca sobre Saul, e Saul então é capaz de realmente profetizar. O texto é muito extenso e se esforça para apresentar a imagem de que Saul é o modelo exato de rei.

Ele é escolhido, chamado e capacitado pelo espírito. Bem, a mesma coisa se aplica a Moisés. Moisés é capacitado pelo espírito.

Observe a importante passagem em Números 11, que destaca o espírito de Moisés, bem como Deuterônimo 34.9, onde o espírito capacitador que estava sobre Moisés é derramado sobre Josué, e Moisés é divinamente privilegiado. Ele é o protótipo no Antigo Testamento da proximidade com Jafé. Nenhuma outra pessoa em todo o Antigo Testamento tem o relacionamento íntimo com Deus que Moisés tem.

Poderíamos conversar sobre isso por horas e horas e horas. Moisés é o protótipo, não apenas de um rei, mas de como alguém pode se relacionar com Deus, face a face, de pessoa para pessoa, de presença para presença. Tudo isso destaca o quão crucial Moisés é como rubrica para se relacionar com Deus e ser rei.

Então, eu lhe dei quatro pontos, sugerindo que Moisés é o exemplo supremo de um líder central. Deixe-me ir para um segundo ponto, Moisés, o primeiro rei de Israel, evidências textuais e ecos. Agora, você está obtendo uma imagem de câmera decente disso, então mesmo que isso não esteja no documento do curso, você deve

ser capaz de recuperá-lo em suas anotações, para que possa interromper o vídeo a qualquer momento, teoricamente, e escrever estes abaixo.

Não é muito conhecido, mas uma das agências capacitadoras que Moisés possui é uma vara. E é mais sabido que esta vara é usada para realizar muitos milagres. Portanto, a vara de Moisés é de fato um cetro real e é a contraparte divina do cetro do Faraó.

Em outras palavras, em egípcio, o cajado do pastor, que se parece com isto, quase como um ponto de interrogação inglês, o cajado do pastor é o sinal hieroglífico da realeza. O que este sinal significava em egípcio era ser rei. Então, quando Moisés, que é pastor, tem na mão um cajado real, Deus diz, o que é isso na sua mão? É um cajado.

Deus diz a Moisés: jogue-o no chão e ele se tornará uma cobra. Bem, não posso deixar de pensar que isso é Deus combatendo as reivindicações do Faraó de ser rei, porque o que o Faraó usa em sua coroa senão um emblema da cobra, o símbolo do poder real egípcio? Tudo bem, bem, poderíamos conversar sobre isso por um longo tempo, mas estamos apenas tentando, você sabe, você leu o Salmo 23, sua vara e seu cajado, eles me confortam. Bem, o fato de Deus trabalhar por meio do cajado de Moisés é uma notável confirmação da realeza.

Em segundo lugar, a raiz mashach ocorre em outras partes da Bíblia Hebraica apenas em conexão com os reis davídicos. Mashach , que é a base etimológica do nome de Moisés, é em todo o resto da Bíblia quando se refere a reis, usado apenas para reis. Terceiro, Moisés é Deus para Faraó.

Agora, todos nós sabemos que Moisés não era Deus. Na verdade, ele teria sido muito cuidadoso ao defender esse ponto, mas ele era Deus para Faraó. Em outras palavras, na linguagem real, Moisés, o rei escolhido de Israel, era o representante de Deus perante o Faraó.

Foi assim que se pensou a realeza. Quarto, Moisés como legislador – bem, dificilmente existe uma metáfora real mais comum do que a do rei como legislador. Portanto, a tremenda ênfase que damos a Moisés como legislador é um fenômeno real.

Quinto, Moisés é provavelmente chamado de rei em Deuteronômio 33:4-5 em Yeshurim , para citar o texto, que provavelmente é Jerusalém. Portanto, uma das críticas comuns ao fato de Moisés ser considerado rei é que ele nunca foi chamado de rei. Bem, se alguém foi chamado rei em Deuteronômio 33, e é o Senhor ou Moisés, acho que é uma escolha melhor dizer que Moisés foi chamado rei ali.

Sexto, a raiz Yashar é usada por Moisés e tem muitas contrapartes reais. Quando todos fazem o que é certo aos seus próprios olhos, essa é a raiz de Yashar. Então, observe que existe uma conexão entre a raiz Yashar e Mesharim, que é a palavra para liberação, uma das palavras para liberação.

Bem, perdoe-me pela pressa, mas você pode anotar esses pontos e depois estudá-los por conta própria. Eu tenho vários deles listados aqui. Em Números 11-12, Moisés recebe a ordem de carregá-los no colo como um pai que amamenta carrega um filho que ainda amamenta.

Acredite ou não, carregá-los no peito como uma criança que amamenta é exatamente o que disse de Hamurabi em seu epílogo, em um código de lei, que, claro, é o contexto de como aparece aqui. Oitavo, a suprema mansidão de Moisés. Na maioria das vezes, quando isso é pregado nos púlpitos, é sempre retratado como se Moisés não fosse da realeza.

Quando, na realidade, quando você estuda a palavra manso, trata-se de um termo típico da realeza, não apenas na Bíblia, mas em todo o antigo Oriente Próximo. Para uma explicação mais completa desta imagem poderosa do rei como manso, sugiro que você veja o trabalho de Good sobre Jesus, o rei manso, e veja também o Salmo Messiânico, Salmo 45 e Zacarias 9 :9. Então, o que estamos propondo a você é que manso, o que parece contra-intuitivo, como se não fosse um termo real, na verdade é um termo real bem conhecido, não apenas na Bíblia, mas em todo o antigo Oriente Próximo. Nono, servo.

Mencionamos anteriormente que escravo é na verdade um termo real; é um título real. Dezenas de antigos reis do Oriente Próximo usaram o termo: sou escravo de tal ou qual divindade. Moisés é retratado como meu servo fiel.

Dez, Moisés é a representação real ao dar a aliança, um fenômeno real em que o rei apresenta os deuses nos tratados e representa os deuses nos tratados. Observe também que Israel é chamado de seu povo e ele os tira do Egito. A terminologia os leva para fora do Egito, amigos; essa é a terminologia pastoral e é real.

Ele atua como pastor, conduzindo-os para fora do Egito. Assim, no número 11, Moisés nomeia seus sucessores em Josué. Ele nomeia um homem para sair e entrar, que é a linguagem real para pastorear.

O segundo ponto é que Israel não será como ovelhas, que não têm pastor; essa é a linguagem real. Josué está preparado para a realeza ao receber o espírito que estava sobre Moisés. Em outras palavras, Moisés é fundamental para a transferência da liderança para Josué.

Moisés coloca sua honra em Números 27:20; quando dizemos que Moisés coloca sua honra, é a palavra hebraica hod, e essa palavra está sempre bem; esta é uma afirmação forte. Em todos os outros lugares da Bíblia Hebraica, hod é um termo real, e está aqui. Ele coloca seu hod, sua honra real, em Josué.

Moisés é fiel em toda a minha casa. Esse é um título real. Talvez o rosto brilhante de Moisés seja um sinal de realeza porque você vai para Lippit Ishtar, e ele é o herói com o semblante brilhante. Quer dizer, eu poderia continuar indefinidamente.

Além disso, havia uma constelação de vocabulário que é real, mas passa despercebido, a saber, palavras como ele liderou, alimentou, pastoreou, pastoreou e dezenas de termos que não são reconhecidos. Então, o que estamos sugerindo é que há uma constelação de evidências de que Moisés era da realeza. Uma das razões pelas quais não é afirmado numa terminologia real mais explícita é que o plano divino originalmente era que Moisés os conduzisse à terra prometida e que quando Moisés os levasse à terra prometida, eles teriam Jerusalém como sua cidade real, e que Moisés seria então o rei de Israel com uma capital real sentada no trono.

Então, acho que o plano de Deus para Israel desde o início da aliança era que a realeza seria o fator central. Agora, ao contrário de qualquer outro rei do Antigo Testamento, os fracassos de Moisés são muito mais humanos, e Moisés teve tanto sucesso como rei que Deus o considera um alto padrão. Então, tudo o que Moisés precisa fazer é usar mal sua vara uma vez, e ele será desqualificado para entrar na terra prometida.

Em vez de acertar a pedra uma vez, ele acerta duas vezes. Acho que poderia ser defendido um argumento, um argumento poderia ser apresentado, de que a vara é o emblema da realeza e, ao usar mal a vara, Deus está afirmando que Moisés, portanto, não tem permissão para entrar na terra como uma homilia para todos os reis subsequentes, que quando você violar a realeza, você será desqualificado. Tenho certeza de que seus olhos poderiam perceber, enquanto passávamos por essas informações, que esses pensamentos estão, portanto, ligados ao conceito de realeza no antigo Oriente Próximo.

Indo para exemplos reais, então, se considerarmos o número de milhares e milhares, dei apenas um ou dois exemplos. Se eu dedicasse minha vida a extrapolar, do antigo Oriente Próximo, todos os exemplos que se correlacionam com a realeza no antigo Oriente Próximo e na Bíblia, eu precisaria de milhares e milhares. Acabei de lhe dar um número muito, muito pequeno.

Então, minha proposta para você é que a realeza é crucial porque Deus a prometeu. A realeza é crucial porque Deus pode mostrar que os líderes humanos são regularmente fracassados, mesmo os maiores deles, como no caso de Moisés, mas que Deus pode usar tudo isso para mostrar que a promessa a Abraão é cumprida,

não em Moisés, mas no Messias, no Cristo. Então, na minha opinião, todo esse conceito de realeza é um dos conectores fundamentais que mais faltam na narrativa hebraica.

Não é a única teologia que permeia toda a narrativa, mas é teologicamente uma das mais importantes. Eu proporia a você que penso que a realeza é de fato a metáfora reveladora mais importante para o ser de Deus. Então essa é a nossa proposta enquanto apresentamos esta informação sobre a realeza conforme incorporada em 1 Samuel 8. Você sabe, tudo parece tão simples para mim, mas me lembra uma das coisas sobre a vida que me surpreende.

Acho que estou sendo persuasivo e perfeitamente claro, apenas para descobrir que meu mundo não reconhece minha grandeza. Portanto, não tenho dúvidas de que haverá desacordo entre os indivíduos sobre o que venho propondo. Então, só posso convidar você a olhar para as evidências, pensar sobre isso e perceber que só porque você ouviu sermões sobre isso não significa que os sermões estejam certos.

Minha abordagem é: acho que há o suficiente. Penso no material antigo do Oriente Próximo não como a base de um edifício. Penso nisso mais em termos do material do antigo Oriente Próximo ser como uma lanterna. Não cria comparações; permite-nos ver as comparações que existem.

Você está iluminando o texto bíblico, mas não está fornecendo seu fundamento. O fundamento do texto bíblico é claramente a revelação sobre o próprio Deus. Dito tudo isso, estou pronto para voltar às minhas anotações de aula.

Foi aqui que paramos com os sete pontos que demonstram as falhas de Salomão. Com o fracasso do reinado de Salomão, Israel regressa ao estado em que se encontrava no livro dos Juízes – um estado governado na sua essência pelo tribalismo. As dez tribos têm ciúmes das duas tribos.

As duas tribos são Judá e a pequena tribo de Benjamim, que absorveu em grande parte o território de Benjamim. Então, você tem os ciúmes tribais, assim como tivemos no livro dos Juízes, que resultam em divisão. E assim, o que temos na morte de Salomão e na ascensão de Roboão é o retorno do tribalismo, e é um problema que nunca é realmente conquistado ou dominado na história do Antigo Testamento.

Então, o que temos então é o período da monarquia dividida, que começa com a morte de Salomão e o regresso de um Israel dividido. Todos nós conhecemos essa história, é claro, sobre Roboão. Eles vão até Roboão e fazem-lhe uma oferta que ele pode recusar, e então ele rejeita a oferta e, sem mais nem menos, o único reino agora é dois.

Assim, o principal inimigo durante todo este período foi, obviamente, a Assíria. Foi reconhecido desde cedo como um adversário a ser temido, como evidenciado pelas políticas da dinastia Onri. Onri foi o pai de Acabe, e eles criaram a maior dinastia do norte. Acabe e seus seguidores reconheceram desde cedo que a Assíria era uma potência a ser temida.

O Egito continuou a desempenhar um papel, mas o Egito nunca foi uma hiperpotência; nunca foi uma superpotência; era apenas uma potência vizinha depois do Movimento dos Povos do Mar. Após a queda do Reino do Norte, o Império Assírio entrou em colapso e foi substituído no oeste pelo Império Neobabilônico, e foi esta última nação que encerrou o período da monarquia. Então deixe-me mostrar um mapa da Assíria.

Este é um mapa interessante porque nos mostra o primeiro termo do mundo, vou usar o termo primeiro, primeiro, primeiro termo, hiperpoder. Veja, o reino de Sargão, ou o reino de Ur III, era um grande reino, mas siga meu cursor, ou melhor ainda, deixe-me pegar meu marcador, os reinos que existiam antes eram reinos que governavam esta bacia mesopotâmica. Isso é tão bom quanto eles eram.

Esta é a primeira hiperpotência do mundo porque, como podem ver, governa todo o Crescente Fértil, todo o Crescente Fértil e muito mais. Governava a Anatólia, cerca de metade da Anatólia, e como podem ver, governava todo o Egito, e governava a leste, o domínio vizinho histórico do Irã. A Assíria não é apenas o primeiro império a governar o Crescente Fértil, é isso, mas é a primeira hiperpotência do mundo.

Não será seguido por uma segunda hiperpotência. Como você pode ver, no caso do Neo-Babilônico, o primeiro império Neo-Babilônico, que é retratado em roxo, este é o império que se seguiu. Este é o império do famoso Nabucodonosor.

Este império era muito menor. Ele não governou Elim, exceto por um período muito curto de tempo, e mesmo que este mapa, que vem, a propósito, do Atlas da Bíblia Moody, este mapa, como você pode ver, o tenha governando o Egito. Na verdade, não governou o Egito por si só.

Então, se você quer as verdadeiras fronteiras do império babilônico, o império neobabilônico, porque o império neobabilônico é o sucessor do antigo império babilônico, exceto que há mil anos os separando. O antigo império babilônico era de Hamurabi. O império neobabilônico é de Nabucodonosor.

Então, o verdadeiro império neobabilônico governou o Crescente Fértil, mas isso foi tudo o que governou, o Crescente Fértil. Então, não era um hiperpoder. Mas quando olhamos para o que está por vir, a maior das hiperpotências foi a Pérsia.

Este mapa, que não é, é meio desproporcional porque faz com que pareça menor do que é. Se você pudesse ver comigo, esta é a Índia. O império persa, no seu auge, governou até a Índia.

Aqui governamos o que chamamos de Paquistão. Ele governou aqui no império persa. Governou até às regiões montanhosas do Cáucaso, até ao que chamamos de Rússia.

Governou até Traca, que hoje é a Romênia e a Bulgária. Governou todo o caminho até o Mar da Arábia, até o Egito e até a Líbia. No seu auge, esta foi a maior massa de terra de qualquer império.

Esta massa de terra fenomenal provavelmente não governou tantos seres humanos como o Império Romano, mas governou uma massa de terra maior. Este foi o maior império de toda a antiguidade. Não havia império maior do que este até o surgimento do Império Britânico.

O império persa era uma hiperpotência. Depois, é claro, houve o império subsequente aos persas, e esse foi o império de Alexandre, o Grande. Na verdade, não queremos falar sobre Alexandre, o Grande, como tendo um hiperpoder pelo simples motivo de sua morte.

Assim que o conquistou, ele morreu. Ele nunca juntou tudo. Literalmente, no ano em que ele morreu, a coisa se dividiu em múltiplas entidades políticas.

O chamado império de Alexandre, como você pode ver, substituiu o dos persas, exceto que aqui acrescentou a Macedônia e a Hélade. Realmente não era um verdadeiro império. À medida que percorremos tudo isso, tentamos mostrar a você os impérios sucessores.

Este é o último império da história, o Império Romano. Como você pode ver, foi o último dos hiperpoderes.

Governou em círculo ao redor de todo o Mar Mediterrâneo. Como você pode ver, este também era um império enorme, provavelmente governando mais seres humanos do que qualquer império de toda a história antiga. Como já percorremos isso, deixe-me apenas dizer: compre o Moody Bible Atlas.

Existem vários bons. Zondervan tem um bom Atlas Bíblico. Carta, CARTA, Carta Bíblia Atlas.

Compre um bom Atlas Bíblico. Acredito que todo estudante da Bíblia precisa de um. Com estes maravilhosos mapas do Moody Bible Atlas, consegui mostrar-lhe que a primeira das hiperpotências é a Assíria.

É para onde estamos indo. Deus utilizará, ao observarmos como vemos a história se desenrolar diante de nossos olhos, Deus usará esses hiperpoderes para promover o que eu diria ser o plano divino para o mundo inteiro. Já em Gênesis 12, Deus revela que ele é um Deus do mundo inteiro e que Abraão será uma bênção para o mundo inteiro.

Ao contrário da maneira como os israelitas passaram a pensar sobre ele, Deus era um Deus de todas as nações. Deus era um Deus do mundo inteiro. Parte de todo esse fenômeno mundial é então a ascensão da primeira hiperpotência mundial.

Claro, se eu pudesse fazer uma pausa para rir um pouco, olhar para o tamanho deste império, estendendo-se provavelmente por 1.500 a 2.000 milhas. Enorme. Então olhe para Israel.

Observe a cor do laser. Aqui está Israel. Vê aquele pequeno ponto de 160 quilômetros? Esse é Israel.

2.000 milhas de potência. Parece impossível, não é? Como Deus poderia se relacionar com uma entidade militar e política tão grande através desta pequena unidade de 160 quilômetros? Como se costuma dizer nas Olimpíadas, que comecem os jogos. Nem sempre é uma história bonita, mas é uma história que se você acredita na Bíblia como um livro divino, é uma história que revela como Deus usou as pessoas em uma área muito pequena para mudar o globo inteiro.

Cem milhas. Eu moro aqui em Lynchburg, Virgínia. De Lynchburg, Virgínia, em Lynchburg, de Charlottesville, onde fica a Universidade da Virgínia, siga pela 29 South, chegue a Lynchburg, ande mais 24 quilômetros até Alta Vista, e aqui em Lynchburg temos uma imagem do tamanho de Israel, estendendo-se de Charlottesville a Alta Vista.

Como é que um pedaço de terreno tão pequeno poderia sustentar uma história que mudaria o mundo inteiro? Bem, isso é porque Deus é o Deus do mundo inteiro. Lembremo-nos de que isso é tão verdadeiro hoje como era naquela época, mesmo que nem sempre consigamos entender como a história está se desenrolando. Como a Assíria se tornou uma hiperpotência? Tenho quatro sugestões: econômica, psicológica, etnológica e geográfica.

A primeira delas chamo de considerações econômicas. Se voltarmos ao nosso mapa e olharmos para ele, o coração da antiga Assíria está bem aqui, nesta pequena seção como esta. Nos tempos antigos, era conhecido como Subartu, mas hoje é chamado de Assíria.

Nesta pequena secção, temos uma região onde a economia desempenhou um papel importante no desenvolvimento desta grande hiperpotência. Você sabe, há uma maneira pela qual talvez possamos pensar sobre isso. A Assíria propriamente dita era uma região que tinha terras agrícolas boas o suficiente para sustentar uma população que era grande o suficiente para ter uma chance, e então juntando tudo isso e as circunstâncias certas ocorrem, e esta região menor pode se tornar maior do que regiões maiores.

Assim, para o sul, o que temos visto é que as antigas economias foram enfraquecidas por causa da perda gradual de fertilidade do solo, por causa do declínio das cidades e das cidades-estado que existiam lá em baixo, de modo que, à medida que as economias aqui começaram a declinar, o que deu aos assírios uma oportunidade para a sua economia começar a desempenhar um papel. E a economia da Assíria tinha algumas vantagens que as economias daqui da Suméria e de Acádia não tinham. Quais seriam essas vantagens? Bem, com a ascensão da Assíria, estamos na Idade do Ferro, e a vantagem que a Assíria teve na Idade do Ferro é que era vizinha imediata dos depósitos de ferro que foram encontrados aqui, no que chamamos de Turquia, neste momento. vez vamos chamá-lo de Anatólia.

Primeiro, a Assíria está próxima dos depósitos de ferro, o que conta para alguma coisa, especialmente quando não há mais um reino da Anatólia para detê-los. Em segundo lugar, a Assíria está próxima da madeira que pode ser obtida tanto da Anatólia aqui como dos Zagros, por isso a Assíria está em condições um pouco melhores do que as outras entidades políticas da região devido à sua proximidade à madeira e ao metal. É claro que não tem as grandes qualidades de produção de celeiros que temos no Sul, mas o que aconteceu no Sul é que as secções Sul e Centro perderam uma certa quantidade das suas qualidades de produção de celeiros.

É isso que queremos dizer com considerações económicas. A Assíria está mais próxima das fontes do império, da essência do império, então esse foi o nosso primeiro ponto. O segundo ponto é o que chamo de considerações psicológicas.

Sempre tenho que zombar de mim mesmo quando uso a palavra psicologia, já que não sei praticamente nada sobre psicologia. Peg e eu freqüentamos uma faculdade bíblica e tínhamos um professor que nos ministrava um curso de psicologia. O que me lembro tão vividamente daquele curso de psicologia é que não aprendi nada sobre psicologia, mas aprendi que se tratava de uma mulher que realmente odiava os homens. Então, não sei nada de psicologia. Talvez eu devesse ter procurado outro termo.

Quando digo psicologia, talvez pudesse ter usado a palavra cosmovisão. Uma coisa que podemos observar sobre os assírios é que todas as suas principais divindades eram divindades da guerra. Desde o início, está claro que a Assíria enfatizou uma atitude beligerante diferente da dos seus vizinhos.

Em outras palavras, todas as suas principais divindades são divindades da guerra, o que é diferente da Mesopotâmia. E em segundo lugar, eles têm esta imagem peculiar que parece levar-nos a pensar que a guerra contra os assírios foi um acto religioso. Posso mostrar fotos se tiver tempo, o que, claro, a falta de tempo é o problema, mas posso mostrar fotos suas nas quais você pode ter um rei assírio em seu traje militar com seu arco puxado assim e depois em silhueta perfeita atrás dele está a divindade da guerra.

E assim, na sua maneira de pensar, a Assíria foi uma espécie de escolha de Deus para conduzir a guerra em nome de determinadas divindades. Por outras palavras, este parece ser um conceito diferente emergente que nos leva a concluir que a guerra contra os assírios foi um acto de religião. Isto pode ser o mais próximo do relato mais antigo que podemos obter do que poderíamos chamar de guerra santa.

Para os assírios, a guerra era um ato religioso, e a fidelidade religiosa de um rei é medida perguntando quantas campanhas ele conduziu. Se um rei fosse para a batalha todos os anos, então ele era um rei religiosamente santo. Então, neste momento, estamos apenas dizendo que os assírios tinham uma perspectiva única sobre a guerra. Para eles, a guerra era um acto religioso, e isso levou-os a conquistar de formas que penso serem um pouco diferentes de tudo o que os precedeu até este ponto.

Terceiro, chamo a atenção para o que chamo de fatores etnológicos. O que quero dizer com isso é que a Assíria está cercada por pessoas que não são religiosas. São entidades políticas que conduzem a esta realidade política.

Conquiste-os ou eles conquistarão você. Agora, amigos, a entidade política histórica ao sul sempre foram os grandes povos da Suméria e Acádia. Bem, agora a Suméria já se foi, mas há um poder popular permanente no sul da Assíria que está sempre apontado como uma adaga.

Para escolher um termo de Churchill na Segunda Guerra Mundial, é uma adaga permanente apontada para o ponto fraco da Assíria. Então, qual seria esse ponto fraco? É a Babilônia. Durante toda a história subsequente, a Babilônia continuou a ser rival da Assíria.

A Assíria considerava a Babilônia uma espécie de prima. Bem, os babilônios não se consideravam primos. Eles odiavam os assírios.

Eles queriam que a Babilônia governasse a Assíria. Assim, ao sul, temos a faca apontada para o ponto fraco da Assíria, o que Churchill chamou de campanha dos Bálcãs; ele sempre quis invadir a Alemanha a partir dos Bálcãs, não a partir da França. Bem, em segundo lugar, eles enfrentaram o fator etnológico de que,

imediatamente a oeste, eles tinham outra ameaça etnológica à existência da Assíria, e essa era a ameaça da entidade combativa da Arameia .

Veja bem, com a ascensão da Assíria, também temos a ascensão destes reinos arameus a oeste, e tal como a Assíria procura expandir a sua influência, os arameus também procuram expandir-se para leste. A Assíria será conquistada pelos arameus ou a Assíria conquistará os arameus. Agora, o que isso leva é ao fenômeno em que a Assíria reconheceu que teria que fazer guerra ao sul e ao oeste.

Então é isso que quero dizer sobre fatores etnológicos. Estava claro para eles, pela longa história da Assíria, que a Assíria os conquistava ou eles iriam conquistar a Assíria. Esses são os fatores etnológicos.

Chamei o último dos quatro fatores que mencionei sobre a ascensão da Assíria de fator geográfico. Explicaremos isso e provavelmente encerraremos este vídeo em particular e passaremos para o próximo. O fator geográfico é este.

Ao contrário da Suméria, ao sul, e de Acádia, no centro, a Assíria fica no extremo norte da bacia mesopotâmica. O que é menos visível é que esta ponte terrestre aqui em cima, o Cáucaso, era a ponte terrestre através da qual os povos migrantes se deslocavam para chegar à Anatólia ou ao crescente fértil ou, por vezes, até aqui. Israel estava geograficamente exposto.

Quando esses grupos emigraram, depois de passarem pelas regiões montanhosas da parte oriental daqui, a Assíria sofreu o primeiro golpe. A Assíria estava geograficamente exposta. Na verdade, há um sentido em que as entidades políticas raramente estão realmente a salvo das possibilidades de danos geográficos.

Eles foram expostos ao norte. Eles foram expostos, como mencionei a você, pelo oeste. Eles foram expostos do sul.

Então, o que quero dizer sobre a geografia da Assíria é que não há nada na geografia da Assíria propriamente dita que torne a Assíria segura. Agora, você pode pensar que isso tornaria a Assíria fraca, mas se for tratado adequadamente, então a realidade é que a falta de fronteiras seguras significa que a entidade política da Assíria expandirá as suas fronteiras para ser segura. Em outras palavras, para que a entidade política histórica da Assíria esteja segura, ela deve conquistar em todas as quatro direções, sul e norte, leste e oeste, de modo que a exposição geográfica da Assíria exija que ela conquiste ou seja conquistada.

Uma das coisas que considero mais irônicas no que estamos apontando agora é que a Assíria nunca foi uma grande potência. Não foi necessariamente um poder fraco. A Assíria em 1200, 1250 e 1000 aC, foi uma entidade política importante, mas nunca foi uma grande potência.

Seguindo o Movimento dos Povos do Mar, a Assíria entrou num período de fraqueza imediata e, quando emergiu, surpreendeu o mundo inteiro. Assim, o nosso último pensamento nesta fita será mais ou menos assim: De uma forma muito real, o Movimento dos Povos do Mar foi responsável pelo vácuo que permitiu à Assíria ascender e preencher o vácuo.

Sem quaisquer grandes potências para detê-la, a Assíria, pela primeira vez na história, poderia tornar-se uma grande potência. Assim, tal como o Movimento do Povo do Mar criou um vácuo para que Israel se tornasse uma potência importante, também criou um vácuo para que a Assíria se tornasse uma potência. Pela primeira vez em mil anos, não havia nenhuma grande potência ao sul. Não havia grande poder ao norte e o Egito era fraco.

Isso apenas criou um vácuo que alimentou com oxigênio aquela que seria a próxima grande potência, que seria indiscutivelmente as pessoas mais cruéis, cruéis e horríveis de toda a antiguidade. É um mau lugar para parar, mas é um bom lugar porque estamos prestes a entrar no período assírio, e há uma sensação de que este foi um período de pesadelo de mais de três séculos. A Assíria foi um dos impérios mais longevos de todos os impérios mesopotâmicos.

Então, com isso, prosseguiremos e faremos uma pausa e então pegaremos isso e começaremos nossa próxima fita, observando o material histórico do império assírio em sua interface com o texto bíblico. Obrigado.

Este é o Dr. Don Fowler em seu ensinamento sobre os antecedentes do Antigo Testamento. Esta é a sessão 17, Reinado no Antigo Oriente Próximo.